



TÍTULO DO PROGRAMA

Os Chilenos

Série: **Os latino-americanos**

SINOPSE DO PROGRAMA

O documentário revela a diversidade de paisagens do Chile ao mesmo tempo em que conta a história dos povos que fazem parte desse importante país sul-americano. Habitantes da Patagônia, do deserto do Atacama, das regiões de campos e ilhas e da metrópole Santiago são personagens que narram a maneira que preservam conhecimentos ancestrais e defendem a história do país lutando pela manutenção de sítios arqueológicos ou tentando divulgar a música folclórica chilena. Os professores convidados do programa Sala de Professor apresentaram uma proposta de trabalho que traça um panorama do Chile analisando os conflitos sociais e ambientais enquanto faz uma avaliação da historiografia latino americana.

CONSULTORES

Julia Cossermelli de Andrade – Geografia

Julio Augusto Farias – História

TÍTULO DO PROJETO

**Saberes tradicionais e identidade:
a cultura popular imaterial e suas territorialidades no processo
de resistência à globalização**

❖ APRESENTAÇÃO

O documentário traz um interessante leque de caminhos para a Geografia desenvolver seus conteúdos disciplinares. Além do panorama das diferentes características regionais do Chile e seus conflitos sociais e ambientais, o



documentário nos oferece uma possibilidade de se trabalhar os movimentos de resistência ao processo de globalização. A disciplina de História vai desafiar alunos e professores a ampliarem seus horizontes e a desvendarem os “silêncios” da América Latina em nosso currículo escolar, aprendendo um outro olhar sobre construção da História e da historiografia.

O trabalho em sala de aula e o Enem

Nesta proposta, trabalhamos com alguns dos conteúdos disciplinares (objetos do conhecimento) listados na Matriz de Referência para o Enem 2013 e com o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades:

Geografia

Conteúdo: Cultura material e imaterial; Patrimônio e diversidade cultural; Movimentos culturais e seus impactos na vida política e social; Globalização e as tecnologias de telecomunicação: consequências econômicas, políticas e sociais.

Competência e habilidade: Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Competência da área 1: H1, H2, H3, H4;

Competência da área 3: H9, H11;

Competência da área 4: H12, H13;

Competência da área 5: H15, H17;

Competência da área 6: H20.

História

Conteúdo: Cultura material e imaterial; Patrimônio e diversidade cultural; A Conquista da América; Conflitos entre europeus e indígenas na América colonial; As lutas pela conquista da independência política das colônias da América; Ditaduras políticas na América Latina.

Competência e habilidade: Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Competência da área 1: H1, H2, H3, H4 e H5;



Competência da área 3: H11, H13, H15.

Competência da área 5: H22, H24.

Para obter a Matriz de Referência para o Enem, acesse o Anexo II do edital (Acesso em: 12 jul. 2014):

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/edital/2013/edital-enem-2013.pdf.

❖ UM OLHAR PARA O DOCUMENTÁRIO A PARTIR DA GEOGRAFIA

“Os Chilenos” é um documentário que faz parte de uma série chamada “Os latino-americanos” que traz narrativas de nossos povos. Interessante pensar, nas aulas de Geografia, que esse conteúdo é veiculado por uma TV que nasceu para ser uma rede de intercâmbio e divulgação dos conteúdos produzidos nos 20 países e que reúne hoje centenas de associados. Mais do que uma *TVweb*, um *site* de conteúdos e uma produtora independente, a TAL (*Televisión America Latina*) é um projeto estético da América Latina, que busca uma forma própria de contar quem somos, afirma o crítico de TV colombiano Omar Rincón. Isso rompe com uma longa tradição colonialista de sermos descritos segundo um olhar estrangeiro. Isso desde os viajantes! Neste sentido podemos dizer que a TAL se soma a uma importante corrente de pensadores que buscavam construir o nosso olhar sobre nós mesmos. Desde Celso Furtado, Darci Ribeiros entre outros. Pois como disse o geógrafo Milton Santos “A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une”. Um olhar que seja continente de nossas diferenças e de nossas semelhanças. Um olhar sensível às nossas particularidades. Afinal, fazer história assim como fazer geografia é pensar um mundo de determinado lugar. Dar voz a diferentes sujeitos é construir uma narrativa capaz de respeitar a diversidade.

A existência deste tipo de iniciativa só é possível no mundo atual devido a uma importante mudança nas tecnologias da informação e da comunicação que podem assim dar suporte a discursos e narrativas que outrora não eram



vinculados para o grande público, pois não interessavam aos interesses hegemônicos. Esse desafio (Competência - 9 H28, H30) pode oferecer ao aluno do curso de Geografia a noção de que as mudanças do chamado meio técnico científico informacional podem ser usadas para diferentes finalidades. Ou seja, existe outra globalização possível. Para tanto é necessário analisar criticamente os meios, mas sobretudo os conteúdos e usos que esses meios veiculam, buscando relacionar que tipo de conhecimento esses meios podem produzir. Vale refletir com os alunos que tipo de conteúdos narrativos eles têm acesso na televisão, na rádio ou no cinema. Conta-se a história do lugar onde se vive? Os sotaques são sempre os mesmos? O reconhecimento da diversidade e sua fortificação é o caminho para se combater o chamado Pensamento Único. Este termo, cunhado pelo jornalista francês Inácio Ramonet, em 1995, designa uma tendência que domina a economia e a vida social segundo a qual não haveria outra saída senão essa que estamos vivendo no período atual de mundialização. Lutar contra o Pensamento Único, podemos pensar, é também reconhecer o quanto não temos acesso a histórias e culturas de outros lugares. O documentário *Os Chilenos* vem trazer para o centro do debate justamente essas outras narrativas cotidianas e silenciosas mas preñhes de significado. É um combate à História Única que nos falava a escritora nigeriana Chimamanda Adiche.

Nesse sentido, trabalhar o documentário trazendo para uma reflexão dos “silenciados” que vivem, inclusive, próximos de nós é um exercício fantástico de escala geográfica. Pois o global – a empresa multinacional que impõe à Patagônia a construção da represa, a Indústria cultural que não valoriza a canção tradicional, os as empresas de transgênicos que acabam com as sementes – se contrapõe ao local que é justamente o que o documentário mostra: a resistência cotidiana das pessoas anônimas.

A discussão ficará mais rica em sala de aula se for trazida para o Brasil e para o cotidiano dos seus alunos. O que é visível e o que é invisível na



construção das narrativas do mundo? A sabedoria das curandeiras, das benzedoras das cidades são visíveis? A arte de fazer instrumentos como rabecas, violas, pifes são reconhecidos como saberes importantes para a formação dos nossos alunos? Os sotaques diferentes que se encontra no Brasil são visíveis?

Um bom exercício é a brincadeira feita por Luiz Gonzaga no *ABC do Sertão*. Neste baião ele anuncia como as próprias letras do alfabeto são pronunciadas diferentemente no sertão nordestino. Não há um jeito certo nem outro errado. O que há são diferentes sotaques regionais. Uns com mais invisibilidades outros presentes em todas as telenovelas e filmes dublados.

Enfim, o que nos interessa ao utilizar este documentário é trazer para o centro das atenções não somente os sotaques, mas sobretudo os conhecimentos invisibilizados, as canções dos poetas populares, as tradições ainda vivas da nossa cultura. Isso pode significar uma reordenação e uma revalorização do sistema de códigos dos alunos uma vez que estamos acostumados a valorizar positivamente o que é escolarizado e letrado, a cultura europeia e branca, o que vem dos lugares centrais. O que é de tradição oral, produzido por comunidades pobres, o que é da cultura afro-brasileira ou indígena é desvalorizado ou, quando muito, visto como exótico.

Como trabalhar então a dicotomia entre o global e o local, entre o visível e o invisível, entre o central e o periférico? Pensamos que uma boa maneira é, seguindo a proposta do documentário, não focalizar nos “agentes fortes”, ou como chamamos, agentes hegemônicos, e sim nos homens silenciosos. Para isso podemos sensibilizar o olhar dos nossos alunos para uma nova leitura de mundo capaz de reconhecer no cotidiano outros saberes. Podemos imaginar que o porteiro da escola seja um bom violeiro, a senhora da cantina conhece boas histórias de assombração, as avós dos alunos podem conhecer segredos de chás e curas que nenhum antibiótico é capaz de superar. Que segredos guardados temos entre nós mesmos? Que outras escutas podemos encontrar? Ler o mundo



não se restringe a ler as letras. Outros textos são possíveis revelando novas narrativas do mundo que fatalmente mostrarão a todos nós uma diversidade mais rica e mais interessante da vida.

Nossa proposta é que primeiramente se busque no ambiente escolar “sábios” silenciosos. Numa escala mais ampla buscar nas famílias esses conhecimentos populares. Será que um avô é devoto da Festa do Divino Espírito Santo? Uma avó é bordadeira dos estandartes? Caso seus alunos vivam nos grandes centros urbanos e pertençam a classes sociais abastadas quem sabe eles possam descobrir com a cozinheira ou o jardineiro preciosidades da cultura popular. Uma terceira escala é saber na sua localidade quais as festas populares, grupos musicais, grupos de teatros e circo que carreguem essas tradições mesmo que recriadas. Sambadeiras e sambadeiros do Recôncavo da Bahia, fandangueiros do litoral sul de São Paulo e norte do Paraná, jongueiros do sudeste, capoeiristas, devotos de São Benedito e São Sebastião da Festa do Ticumbi no Espírito Santo, do Boi do Maranhão, Cururu de Sorocaba. Há também em centros urbanos grupos que pesquisam e recriam tais tradições como a Jongo da Serrinha no Rio de Janeiro, o Boi do Morro do Querosene em São Paulo, Mulheres Caixeiras de Campinas.

Organizando essas ideias, temos:

Primeira etapa: âmbito escolar.

Os alunos, divididos em grupos de quatro, vão procurar entre funcionários, pais de outros alunos e professores quem tem histórias antigas para contar, quem sabe contar causos, quem participa de grupos ou quem cura com ervas.

Segunda etapa: âmbito doméstico.

Cada aluno vai buscar em sua casa e na família estendida personagens interessantes. Registrar por meio de qualquer meio como fotografia, desenho, filmagens ou gravação sonora.



Terceira etapa: âmbito da cidade ou região.

Se for o caso que em sua localidade exista um grupo de cultura popular, uma festa de rua, velhos cantadores repentistas, velhas rezadeiras, contadores de história leve seus alunos até esse guardião dos saberes populares. Importante que você conheça a manifestação. Primeiramente, faça o contato com os brincantes para que eles não se sintam inibidos com a aproximação. O importante é construir um ambiente de respeito pelos mais velhos ao ponto que, mesmo que esse sujeito não fale o mesmo português ensinado nas aulas da escola, esse conhecimento não seja desvalorizado, afinal estamos justamente buscando outros saberes, outras leituras de mundo além do que se encontra nos livros tradicionais.

A atividade pode ser finalizada com uma exposição de fotos, desenhos, objetos das festas e tradições populares da sua região, mesmo que hoje quase desaparecidas. Também para finalizar podemos compartilhar com eles experiências emocionantes de grandes aventureiros como os artistas do grupo “A Barca” que, sobre um ônibus lotado de gravadores, filmadoras e instrumentos, percorreram o Brasil em busca dos cantos e ritmos guardados nos corações de nossos poetas populares.

Em um bonito poema, Padre Antonio Vieira já reivindicava que cabia a nós, professores das escolas, valorizar nossos poetas populares!

Material

- Máquina fotográfica, filmadora e gravadores para as entrevistas;
- Papel, tintas, pincéis e outras técnicas de registro;
- Se existir, documentos e fotos antigas de manifestações populares da sua localidade.

Etapas

- Pesquisa no âmbito escolar de sujeitos sabedores;
- Entrevista no âmbito familiar para descobrir memórias esquecidas (ou lembradas);
- Visitas com o professor a grupos culturais, brincantes, devotos e artistas.

Veja mais... (Acesso em: 12 jul. 2014)



• <https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>. - Palestra da nigeriana Chimamanda Adiche sobre o risco da História Única.

❖ UM OLHAR PARA O DOCUMENTÁRIO A PARTIR DA HISTÓRIA

Na segunda década do século XXI, no Brasil, as contestações populares ganham as ruas em diferentes cidades, com as mais diversas propostas e tendências ideológicas, a ponto de impossibilitar definições claras sobre esse processo. Ao longo do século XXI, a historiografia se encarregará de registrar, discutir e atribuir os mais diferentes sentidos a tais movimentos. Uma ação acadêmica e, fundamentalmente, política. Vale perguntar aos alunos como eles acham que será esse registro nos livros de História de 2113.

Nossas salas de aula, difusas e heterogêneas, refletem tais movimentos. Nossa sociedade, instigada pelos meios de comunicação, passivos ou interativos, é induzida a posicionar-se. Cada professor de História (ou qualquer outra área do conhecimento) já percebeu entre seus alunos que se vive o risco, nesse tempo, da construção de polarizações.

O professor-leitor pode estar se perguntando o que essa introdução “tem a ver” com um documentário sobre o Chile!

Com a apresentação do documentário *Os Chilenos* a alunos do Ensino Médio, nas diversas séries, poderemos suprir algumas das lacunas existentes em nosso currículo formal, sem abandoná-lo, aprofundando o olhar sobre a História da América Latina, tão próxima e tão desconhecida dos brasileiros. Mas, e sobretudo, ao direcionarmos o olhar para uma História “nova”, perceberemos as nuances de sua construção e estabeleceremos uma interface direta com a nossa realidade.

Será que seu aluno já ouviu a palavra “Mapuche”? Experimente fazer essa pergunta simultaneamente aos alunos das três séries do Ensino Médio. Caso não tenha turmas das três séries, peça ajuda ao colega da outra série. Não se assuste se você ou seu colega também não conhecerem a palavra, pois 99% das pessoas que nunca visitaram o Chile, inclusive professores, também não



conhecem. Será uma comida? Uma peça de vestuário? Para o que se propõe como atividade em História, essa pergunta deve anteceder a apresentação do documentário.

A História da América Latina, e não especificamente do Chile, é atingida pelo nosso currículo formal e pelos índices dos nossos livros didáticos em, pelo menos, quatro momentos (ou rupturas): as sociedades pré-colombianas (1º ano), a colonização espanhola (1º ano), a independência da América espanhola (em geral no 2º ano) e as lutas políticas e ditaduras do século XX (em geral no 3º ano). O professor pode organizar essas pesquisas no quadro da sala e basear sua exposição nelas.

Ao apresentar, por escrito, o significado de “Mapuche”, os alunos terão tido contato com pesquisas sobre a História Chilena (veja indicação bibliográfica ao final da ficha); terão percebido que os Mapuche foram contemporâneos de Incas e Maias, que não foram vencidos pelos espanhóis na colonização, que disputaram terras com os bastiões da independência latino-americana ou que foram agraciados pelas reforma agrária de Allende e depois expropriados por Pinochet.

Mas talvez não tenham percebido o que é fundamental. Nessa hora, a exibição do documentário entra na composição do cenário. Devemos lembrar que estaremos juntos com os professores de Geografia nesse trabalho (e talvez de outras áreas). O filme é subdividido em cinco narrativas. Duas podem ser escolhidas para a discussão nas aulas de História, quaisquer duas, a depender da série.

Mas o que é o fundamental? Discutir, a partir do documentário, três conceitos: Rupturas históricas; Permanências; Cultura Imaterial. Precisamos acreditar na importância da internalização desses elementos pelos alunos para que sejam fortalecidas sua consciência social e sua formação como sujeito político.



Perceba que, a partir desse ponto, o foco da atuação do professor deve ser a compreensão desses conceitos, mas perceba também que os conteúdos clássicos da série, já citados, devem ser paralelamente trabalhados. Didaticamente, está posto um desafio instigante: transformar os conteúdos escolares em ferramentas para a interpretação de conceitos e não apenas um fim em si mesmo.

Ao mesmo tempo em que se aprofunda fatos e dados curriculares, apresentam-se alguns elementos estruturantes da História, da construção historiográfica e da percepção da cultura como elementos inerentes aos sujeitos históricos. Mas para quê? Hora de retomarmos a introdução desse texto.

As manifestações públicas nas cidades brasileiras dessa segunda década do século XXI foram escolhidas na referida introdução apenas para ilustrar alguns mecanismos da história e a possibilidade de transposição desses mecanismos, quando percebidos, para a leitura do mundo que nos cerca, tanto em escala local quanto na sua relação dialógica com a escala global.

Ao compararmos os temas tradicionalmente abordados da história chilena com os movimentos existentes no documentário, evidencia-se que são muitos os “silêncios” provocados pelas rupturas privilegiadas pela história e que, em geral, são frutos de polarizações. No entanto, ao construirmos nossa percepção individual sobre a história de nosso próprio cotidiano, estamos percebendo esses “silêncios”?

E se retrocedermos a discussão para todos os grandes temas da História do Brasil no currículo escolar, vamos perceber esses silêncios? Qual o valor da preservação do patrimônio histórico, sobretudo o imaterial, para a dinâmica da História?

Finalmente chegamos ao “trabalho” a ser realizado por nossos alunos. Está claro, até aqui, o quanto somos, os professores, importantes para que o projeto se concretize. Não se trata de dirigir o olhar dos nossos estudantes, mas de apresentar-lhes novas possibilidades de abertura dos seus olhos para que



percebam o quanto a História é uma construção humana. Provavelmente, construirão percepções diferentes.

Feita toda essa instrumentação teórica, tendo por fundo o documentário e os dados e fatos referentes à história chilena, vamos pedir aos nossos alunos que identifiquem essas mesmas questões na realidade sócio-histórica brasileira.

Para isso, recomenda-se dividir os alunos em pequenos grupos de trabalho, com quatro alunos.

Os grupos deverão apresentar um seminário de pesquisa. Para ajudar em sua organização podemos delimitar sua ação em algumas etapas:

1. Pesquisa: Identificar elementos culturais que sejam “permanências” históricas e que estejam presentes no meio social em que escola esteja inserida. Provavelmente os alunos terão dificuldades e podem lhe perguntar “o que é mesmo que tenho que trazer?”. Claro! Estão acostumados a situações concretas e permanências e cultura imaterial são elementos abstratos. Paciência... é para essa percepção que estamos trabalhando. Uma boa estratégia nesse momento pode ser a apresentação de casos concretos de projetos de preservação do patrimônio imaterial. Isso já ampara e antecipa a proposta de trabalho interdisciplinar que virá mais a frente dessa ficha entre História e Geografia.
2. Comparação: Reunir os grupos na sala de aula para que, com o apoio do professor, articulem as pesquisas com elementos dos fatos e dados presentes no livro didático.
3. Conceituação: Em sala de aula, solicitar ao grupo que, partindo de exemplos da pesquisa, responda às seguintes questões: “O que é patrimônio imaterial?”, “Quais são os elementos invisíveis da História?”, “De que forma eles aparecem na sua pesquisa?”.
4. Apresentação: Exposição oral e (se possível) de elementos multimídia, com duração máxima de 10 minutos, na qual deve constar: relato da



pesquisa; exposição dos dados e fatos a ela relacionados; resposta das questões apresentadas; relação com o documentário assistido.

Como podemos perceber, não é um trabalho rápido. Serão necessários ao menos três semanas de aula para a sua realização. É claro que é possível ampliar ou enxugar esse tempo. Podemos ainda pedir ajuda e participação de outros professores. Entretanto, perceba a quantidade de competências e habilidades do Enem que serão naturalmente trabalhadas. Mostre isso aos seus alunos e bom trabalho!

Ainda temos pela frente a etapa interdisciplinar, que pode ser realizada para que os conhecimentos construídos nesse trabalho ganhem asas e interfiram nas realidades sociais e históricas.

Material

- Recortes de jornal, revistas ou artigos sobre as manifestações recentes no Brasil;
- Pesquisa trazida pelos alunos sobre a palavra Mapuche e sobre sua cultura;
- Televisão ou projetor para apresentação do documentário;
- Espaço para reunião dos alunos em grupos (a sala de aula, de preferência);

Etapas

- Apresentação de materiais e discussão sobre a ideologia dos movimentos populares atuais;
- Em casa: Pesquisa individual sobre a palavra e cultura “Mapuche”;
- Aulas expositivas que associem os Mapuches às rupturas temáticas curriculares (América pré-colombiana; Colonização; Independência; Ditaduras e socialismo), a depender da série;
- Apresentação de duas narrativas do documentário;
- Delimitação dos conceitos de patrimônio imaterial e permanências;
- Em casa: pesquisa pelos alunos de permanências e exemplos de patrimônio imaterial;
- Elaboração e apresentação dos seminários, em grupos, conforme orientações.

Veja mais... (Acessos em: 12 jul. 2014)

- <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=40868>>. - Aula com diversas sugestões de textos e vídeos sobre o Governo Allende no Chile.
- <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=38743>>. - Aula sobre a independência da América espanhola com sugestões de textos e links.
- <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=24146>>. - Elenco de atividades e informações sobre o conceito de patrimônio imaterial.
- <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mapuches>>. - Síntese da História Mapuche chilena em relação às grandes rupturas históricas citadas no trabalho.

❖ UMA CONVERSA ENTRE AS DISCIPLINAS



Percebemos que nossa proposta interdisciplinar já estava em curso quando escrevemos as etapas disciplinares desse material e que tal trabalho brotou de maneira orgânica, pois o documentário nos oferece um caminho interessante para isso. Porém, vale deixar claro que, do conjunto de conceitos e noções trabalhados em cada uma das disciplinas, a História tratará mais especificamente do par dialético **rupturas e permanências** dando especial atenção às chamadas permanências. E a Geografia trabalhará com o par dialético **local e global** dando, por sua vez, especial atenção ao local. Juntas, História e Geografia, buscarão dar voz aos silenciados e invisibilizados de nossa sociedade, ou seja, apontarão para o quadro das **permanências locais** e para sua presença visceral na constituição das culturas e identidades.

Esse esforço crítico irá exigir um trabalho de sensibilização de todos nós que estamos direcionados pela comunicação de massa a valorizar sempre o exótico, o estrangeiro e as tradições dos dominadores sejam eles econômicos ou culturais.

Antes de apresentarmos nossa proposta de trabalho vale um último comentário que julgamos instigante e ao mesmo tempo esclarecedor. Walter Benjamin é um dos principais pensadores alemães da primeira metade do século XX. Esse filósofo apresentou uma reflexão inovadora e controversa que pouco agradou seus contemporâneos. Em um dos seus mais famosos textos - *O Narrador* - ele analisa a obra do escritor russo Nikolai Leskov. A arte de narrar histórias, intercambiar experiências de maneira oral, segundo ele, está em vias de extinção. Faz uma completa análise do gênero literário na década de 1930 na Europa do entre guerras. Trazemos esse texto para pensarmos a classificação que Benjamin faz da arte de narrar. Para ele há dois tipos de narrativas. Primeiramente a do viajante – o marinheiro, o comerciante que conta histórias trazidas de longe – e o do sedentário mestre camponês que conhece como ninguém as tradições do local. Esses dois modelos arcaicos presentes desde a



Idade Média estariam ainda hoje presentes nas narrativas e, teoricamente, serão reconhecidos durante a execução do trabalho.

Trazendo essa tipologia para analisar as narrativas populares brasileiras podemos pensar que as histórias de cacheiros viajantes, marinheiros, boiadeiros, caminhoneiros fazem parte do primeiro tipo e as histórias, causos de mestres, pretos velhos, caboclos, curandeiras, pescadores constituiriam narrativas do tipo sedentário. E que tal categorizar as narrativas documentadas em nosso vídeo motivador *Os Chilenos*? Vamos então às atividades!

Cada um de nós, professores, conhece (mesmo que superficialmente) a comunidade de nossa escola. Esse conhecimento prévio é um primeiro passo para a atividade. Quem são os sujeitos que carregam tradições, histórias e sabedorias? A começar por você mesmo! Que histórias, festas e rituais marcaram sua infância e vida adulta? Quando você está enfrentando uma dificuldade a quem pede ajuda ou conselho? Busque na sua memória uma narrativa que tenha estruturado sua personalidade e marcado sua vida. Se você não se lembra, viaje. Busque em no seu bairro, na sua região, uma história que tenha marcado a vida da sua comunidade. Em outras palavras: seja você mesmo um mestre sedentário (que traz oralmente tradições) ou um viajante (que traz oralmente histórias de outra parte). Observe e registre como esse tipo de narrativa é percebida e valorizada por seus alunos. Não fique decepcionado se isso soar, inicialmente, antiquado. Inverter a ordem dos valores vai gerar, inevitavelmente, um desconforto.

A sua participação vai orientar a percepção de seus alunos e abrir os horizontes de suas visões para muitas possibilidades, preparando-os para que o segundo momento da atividade seja concretizado com relativo domínio dos conceitos necessários, como os já citados, permanência e local, e o de patrimônio imaterial.

Chega-se ao segundo momento: apresente casos de registros e/ou processos de tombamento de patrimônios imateriais (que podem ser acessados



no *site* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ou depoimentos e histórias de vida (facilmente encontrados no *site* do Museu da Pessoa). Escolha o simples e o sucinto!

Aí então solicite que cada um de seus alunos pesquise e traga registrado (gravado, filmado ou escrito) uma história que ouviu de seus velhos ou de um modo de realizar tarefas e trabalhos típicos de sua região. Oriente seus alunos a perguntar sobre histórias de vida, causos, festas ainda vivas ou esquecidas (bumba meu boi, reisados, procissões de fé), sobre mitos e lendas presentes na região, sobre valores que sejam cultivados, sobre modos de fazer.

Não se esqueça de ressaltar a semelhança dessa tarefa com o exercício presente no documentário *Os Chilenos*, ponto de partida para toda essa discussão.

Assim como no primeiro passo você poderá esperar grandes descobertas, uma vez que essa memória esquecida poderá conter grandes tesouros. Estipule uma ou duas semanas para que esse material seja recolhido.

Uma vez recolhidos os registros, devemos tratar de sua socialização. Ela acontecerá, primeiro, entre a própria turma, para depois expandir-se para a toda a escola e finalmente retornar à comunidade, estabelecendo uma rede circular de valorização de sua cultura e seus saberes.

São diversos os modelos de socialização possíveis. Em sala de aula, os alunos deverão fazer relatos breves de sua experiência e dos dados coletados. Em seguida, cada aluno deverá ter contato individual com outros dois relatos além do seu, procurando estabelecer pontos comuns nas formas dos relatos. A turma poderá, ainda, estabelecer uma classificação entre os tipos de relatos. Caso a escola possua mais de uma turma da mesma série ou, no caso de séries diferentes realizarem o trabalho, os registros poderão ser intercambiados entre as classes.

É muito desejável que alguns dos protagonistas dos relatos, discursos ou práticas possam comparecer à escola durante essa socialização. Na próxima



etapa ou sugestão, propõe-se o movimento contrário: a visita dos alunos aos produtores do relato, caso seja possível.

Essa terceira etapa é, basicamente, o estabelecimento da circularidade da rede, de forma que as informações coletadas sejam socializadas “da” escola “para” a comunidade, dando luz aos conhecimentos e à cultura presentes em seus próprios meandros e antes invisíveis.

Caso haja a possibilidade, consideramos muito proveitosa a inserção do trabalho em uma “feira” escolar de cultura ou mesmo a realização de um evento específico para tal fim. Nesse evento seriam encenadas, praticadas ou construídas as permanências culturais locais representativas das identidades da comunidade, cidade ou região na qual a escola está inserida.

Caso não haja essa possibilidade, pois sabemos todos das dificuldades nas dinâmicas escolares, há duas outras formas de socialização, inclusive concomitantes:

- Confecção de *folders* com imagens e textos que sejam um índice dos movimentos ou práticas coletadas com explicações e informações sobre os mesmos. Esses *folders* podem ser construídos nas salas de informática ou de maneira artesanal, xerocados em copiadoras comuns e distribuídos pela comunidade, ressaltando a valorização da cultura e identidade locais e suas permanências nas livres associações dos leitores. No caso da possibilidade do uso da sala de informática, programas gratuitos como Lucidpress ou mesmo o Microsoft Publisher 2010, componente do pacote Office da Microsoft, podem agregar qualidade ao trabalho. Na opção artesanal, aproveite para usar materiais reaproveitados, papel reciclado, desenhos livres etc.

- Construção de um *blog* ou página em redes sociais (Facebook, por exemplo) onde possam ser elencados e divulgados os movimentos ou práticas coletadas. Nessa opção, a troca ultrapassará em muitos muros da escola ou da comunidade, pois haverá não apenas o relato e a socialização, mas a abertura para uma alimentação constante com novos movimentos e novos depoimentos



das mais diferentes localidades. O mundo é o limite! Quem sabe o trabalho não retorna até o Chile!

Depois da construção de toda essa rede de conhecimento, seria muito bom que o grupo de alunos visitasse alguns dos locais e algumas das sociedades ou pessoas “alvo” de seu trabalho. Por que não ter feito essa visita no início do trabalho? Para que nesse momento os olhares já estejam esteticamente adequados às sutilezas das diferenças e à profundidade dos novos horizontes!

Valores de convivência e respeito estão tão arraigados a essa atividade que seu desenvolvimento pode ser considerado um dos objetivos a serem cumpridos. A simples percepção de que em nossa sociedade moderna, como em muitas, a velhice é desvalorizada e que ao velho cabe apenas se aposentar, ou seja, ficar restrito ao aposento – parte interna da casa, sem mais nenhum papel social, representa um grande exemplo. A significação dos nossos “velhos” é diferente do papel dos anciões em comunidades africanas, por exemplo, onde o velho se torna o centro da comunidade. Clarificar a possibilidade de inversão desses papéis pode gerar desconforto, mas não pode esperar. Retomemos Benjamim, que sintetiza a importância de usarmos o espaço escolar e nosso tempo para esse trabalho:

[...] O narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte. Mas, se “dar conselhos” soa hoje como algo antiquado, isto se deve ao fato de as experiências estarem perdendo a comunicabilidade. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta do que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está se desenrolando. Para obter essa sugestão, seria necessário primeiro saber narrar a história. [...] O conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria. A arte de narrar aproxima-se de seu fim porque a sabedoria – lado épico da verdade – está em extinção. (BENJAMIN, 2012: 216-217)

Material

- Câmera digital, gravador ou bloco de anotações para coleta das entrevistas.
- Papel A4 para confecção dos *folders*.



- Desejável o acesso à sala de informática / computadores para diagramação do folder ou criação de páginas em redes sociais ou blogs.

Etapas

- Apresentação, pelo professor, do seu fazer e de suas histórias de infância;
- Apresentação dos diferentes processos de tombamento de patrimônios imateriais e exemplos de relatos de histórias de vida associadas a diferentes culturas e fazeres;
- Busca pelos alunos de aspectos culturais e histórias de vida locais associadas às permanências históricas de valores e saberes;
- Socialização da coleta de informações com os colegas de turma ou série;
- Estabelecimento da circularidade da rede com a socialização por meio de *folders*, feiras ou redes sociais com a comunidade externa à escola;
- Visita da turma a uma dos ambientes de coleta.

Veja mais... (Acessos em: 12 jul. 2014)

- <<http://portal.iphan.gov.br/>>. - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).
- <<http://www.museudapessoa.net/index.htm>>. - Museu da pessoa.

❖ BIBLIOGRAFIA, SUGESTÕES DE LEITURA E OUTROS RECURSOS

Livros e Revistas

BENJAMIN, W. *O Narrador*. IN: **Magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas volume I**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed Brasiliense, 2012.

IPHAN. Dossiê 4 **Samba de Roda do Recôncavo Baiano** – Brasília, DF: 2006.

IPHAN Dossiê 5 **Jongo do Sudeste** - Brasília, DF: 2007.

MONTEIRO e SACRAMENTO, (org) **O Jongo na Escola**/ Niterói, RJ: UFF, PROEX, FEC, Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu, 2009.

PACHECO, GOUVEIA e ABREU (org) **Caixeiras do Divino Espírito Santo de São Luiz do Maranhão**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé.

PIMENTEL, GRAMANI e CORREA (org) **Museu Vivo do Fandango**. Rio de Janeiro: Associação Caburé, 2006.

ROVIGHI, S. V. Ontologia existencial e filosofia da existência. In: _____. **História da filosofia contemporânea: do século XIX à neoescolástica**. Tradução por Ana Pareschi Capovilla. São Paulo : Loyola, 1999. Cap. 15, p. 397-412.



SECRETARIA DE CULTURA DA BAHIA. Governo do Estado. IPAC. **Festa da Boa Morte**. IPAC. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011.

SOTO, E. Sonhos e lutas dos mapuches no Chile. São Paulo: Arte escrita, 2007.

Publicação periódica

Texto Escolhidos de Cultura e Artes Populares – Rio de Janeiro: UFRJ. Instituto de Artes. V. 7 n 1 Maio de 2010